

2

Contextualização sócio-histórica: Breve estudo sobre as migrações nordestinas no Brasil

Este capítulo dedica-se a um breve panorama sobre o processo das migrações nordestinas no Brasil. O papel que o migrante nordestino teve que assumir em sua trajetória de sobrevivência marca suas posturas e interpretações sobre ele mesmo e o mundo sócio-cultural que o cerca.

Pretendo, neste capítulo, iluminar a figura do nordestino, manipulado por ideologias políticas e esquecido nos lugares que lhe restam para sobreviver. Assim, procuro esclarecer que o processo de migração faz parte da crença que existem melhores lugares para se ter uma vida digna poderá ajudar no entendimento do processo de construção de identidade do migrante nordestino.

Um intenso movimento à procura de melhores condições de trabalho e sobrevivência recorta o território e marca a diversidade cultural nas mais variadas regiões do país.¹

No que tange os deslocamentos nordestinos para Rio de Janeiro e São Paulo, é a economia cafeeira que, a partir de 1930, absorve mão de obra estrangeira e nacional, transformando a região no centro hegemônico de acumulação de capital. O crescimento urbano une-se ao industrial, impulsionados pela imigração e migrações internas originárias do campo da região Sudeste e do Nordeste (Rosa, 2003: 191-192).²

¹O processo das migrações nordestinas se encontram ligadas à política racista e imigrantista desenvolvidas desde a colonização. No início do século XX, a substituição do trabalho do negro escravo vai ser feita pelo trabalhador branco e livre da Europa. Os imigrantes europeus eram direcionados para São Paulo e Rio de Janeiro, com promessas de encontrar abundância de terra e um clima promissor (Vainer, 2000: 18). Constituiu-se, assim, um exército de trabalhadores que fazia crescer o centro urbano-industrial do país. Entretanto, o fracasso da estratégia imigrantista-agraria de cunho racista e branqueadora é marcada pela insatisfação do imigrante desconhecedor dos nossos costumes e fiel a outros Estados. A situação agrava-se com alguns imigrantes adeptos do anarquismo e socialismo, ideologias completamente estranhas à índole pacífica de nosso povo (Vainer, 2000: 19).

²O Governo Constitucional de Vargas e o Estado Novo insistiram no apoio à política a favor da imigração, ainda interessada em braços para o abastecimento da agricultura. Apesar da mobilização e disciplinarização do trabalhador nacional unidas às crescentes migrações

A partir de 1940, surge o modelo desenvolvimentista dualista que visava ao enxugamento do campo e a transferência de grandes contingentes populacionais para as cidades e para as regiões mais ricas (Vainer, 2000: 24). Entre os anos 1940 e 1970, o Nordeste descobre o Sudeste, em um fluxo contínuo até os dias atuais (Rua, 2003: 194).

Entre 1940 e 1950, período marcado pelo intenso êxodo rural (Rua, 2003: 194), as migrações internas se caracterizaram pelos deslocamentos em direção às fronteiras agrícolas do Paraná, Centro-Oeste e Maranhão, e aos centros industriais do Sudeste, São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente. A introdução de técnicas mais aprimoradas de lavoura e pecuária aumentam as safras, mas acarretam a redução do volume de mão-de-obra. O êxodo rural provoca um excedente de população que fica disponível para outras atividades e pretende-se que o migrante seja absorvido pela industrialização “proporcionando-lhe trabalho e novas oportunidades para a melhoria de seu padrão de vida” (Kubitschek de Oliveira³, 1955: 125 *apud* Vainer, 2000: 24).

No entanto, ao chegar o ano de 1950, com a crescente pressão demográfica no Nordeste, surgem graves problemas sociais e políticos. Um quadro de grande insatisfação é, então, gerado pelo ressentimento em relação às áreas mais desenvolvidas do país. Como consequência, são criadas associações camponesas com a finalidade de resolver o problema imediato do acesso à terra. A questão agrária, caracterizada pela pressão dos camponeses sobre os latifúndios, o avanço de sua organização e sua insatisfação, é transformada em questão regional, suscitando, assim, a questão migratória (Vainer, 2000: 25).

Assim, entre os anos 1940 e 1970, para amenizar a crise agrária e a pressão que milhares de trabalhadores sertanejos exercem sobre a estrutura latifundiária, são criadas as condições necessárias para esvaziar o Nordeste. O nordestino passa a ser direcionado para as cidades, principalmente as metrópoles, e para as regiões mais ricas, integrado ao modelo dualista de desenvolvimento onde o campo é o atrasado e a cidade é o moderno (Rua, 2003: 196).

interregionais, a opção imigrantista prevalecia como estratégia central do Estado e das classes dominantes brasileiras para o desenvolvimento e ocupação do território e constituição de nacionalidade. A imigração e miscigenação eram o caminho para o tão sonhado branqueamento da nação (Vainer, 2000: 22-23). Porém, ao se aproximar os anos 30, com a conflagração da Segunda Guerra, os fluxos ficaram praticamente interrompidos (Vainer, 2000: 20).

³ Kubitschek de Oliveira, Juscelino. **Mensagem ao congresso nacional**. Rio de Janeiro. Serviço de Documentação da Presidência da República. 1957.

Entre os anos 1970 e 1980, grande número de nordestinos desloca-se para o Sudeste, impulsionados pela mecanização da lavoura, pela pecuarização e pela continuação da dissolução das colônias nas fazendas (Rua, 2003: 196), para trabalharem em obras de metrô, estradas, pontes, represas, hidroelétricas.

Ainda nesse período, muitos nordestinos são deslocados pela expulsão das fazendas de cana-de-açúcar por desejarem ser reconhecidos pela legislação trabalhista (Rua, 2003: 196). Os que retornam para sua região de origem encontram dificuldades de inserção na economia rural e na economia urbana.

O Programa Nacional de Apoio às Migrações Internas surge nos anos 80 com a incumbência de atuar na descentralização das atividades econômicas, ou seja, reduzir os fluxos em direção às Regiões Metropolitanas e ocupar as fronteiras. Faz-se necessário elaborar uma estratégia global de distribuição espacial da população, com uma idealização prévia de remanejamento: os fluxos migratórios deveriam ser reorientados (Vainer, 2000: 27).

Essa população excedente passa a ser vista como um verdadeiro obstáculo à valorização do território e é direcionada através de ações dispersas, algumas delas regidas por políticas de segregação e fechamento de território urbano a migrantes (Vainer, 2000: 28). Muitos em busca de moradia e emprego são impedidos de desembarcar em terminais rodoviários, outros, com a ação de assistentes sociais, recebem passes para seguirem viagem ou retornar a seu lugar de origem (Vainer, 2000: 29).

Não é possível avaliar-se ao certo em que medida as políticas territoriais e migratórias, em particular, foram responsáveis pelos processos de circulação e redistribuição espacial de populações durante todo o período em que esses centros se multiplicaram até 1984. Tampouco é possível estimar que parcela de fluxos para as fronteiras e Amazônia deram continuidade aos outros movimentos demográficos, como as migrações para São Paulo e Rio de Janeiro, e os que foram resultado dos investimentos rodoviários, publicitários e institucionais (Vainer, 2000: 27).

O Estado, que até os meados do séc. XX estava determinado a preencher os espaços vazios do território e do mercado de trabalho, passa a confrontar-se com excedente de população, parte de um projeto nacional de desenvolvimento, que claramente não é preocupação das classes dominantes e de sua tecnocracia cosmopolita. Acompanhando o estudo e conclusões de Vainer, entende-se que:

“As políticas sociais aparecem, então, como o equivalente universal da incapacidade de formular qualquer perspectiva nacional, assim como da ausência de um projeto histórico capaz de tirar da miséria, senão todos, pelo menos parcela expressiva daqueles que hoje tornados improdutivos e excedentários, durante um século foram mobilizados com a promessa da integração e desenvolvimento” (Vainer, 2000: 29).

Precisamos entender o brasileiro migrante como fato sócio-histórico-político-cultural e não como simples experiência individual transitória. Segundo Penna (1998), o conhecimento histórico social do processo de migração no Brasil é um relevante instrumento de compreensão dos aspectos sócio-culturais presentes na construção de identidade do migrante nordestino em sua trajetória de vida. As narrativas do migrante em história de vida são uma maneira de entendermos melhor a migração nordestina como um processo de reconstrução de referenciais de vida em contínua transformação.

Para Maura Penna (1998), migrar é uma forma de resistência, para não se conformar. É o que podemos entender pelas narrativas de migrantes em seu estudo, do qual destacamos duas, a seguir:

“O pessoal estava triste porque não achava mais onde trabalhar, eles plantavam de meia, arrendado, porcentagem e, quando não dava nada, eles achavam ruim, falavam que não tinha jeito, que ia embora (...) E hoje está tudo assim: naquele tempo não tinha bóia-fria, de lá pra cá começou a ter bóia-fria. Eu trabalhar para os outros? De jeito nenhum, vou é mudar para São Paulo.” (Penna, 1998: 105).

“Essa vida até os 17 anos [em Alagoas] foi tão difícil para mim, que parece até que a gente queria sair ligeiro dela (...) Eu tinha que partir para tentar alguma coisa, mas tinha certeza que ia deixar minha mãe numa situação difícil, de fome, de miséria (...) “O que é que eu faço, mãe” Chorava ela, chorava eu, não sabia o que fazer, mas chegamos a uma conclusão. Eu disse: “Eu vou! Minha mãe, tenho de ir, porque nós estamos aqui passando uma vida dessa e até quando vai essa vida” (Penna, 1998: 105).

Completo essa breve revisão sobre as migrações nordestinas no Brasil com uma reflexão de Povia Neto para ser interpretada na construção da presente pesquisa.

“Migração pode também ser uma forma de resistência: resistência à forma de exploração e dominação, às adversidades da natureza, à falta de perspectivas de vida; resistência, enfim, ao nível pessoal, à infelicidade e à destruição de sonhos (Povia Neto⁴, 1994: 22 *apud* Penna, 1998: 104).

⁴ PÓVOA NETO, Helion. A produção de um estigma: Nordeste e nordestinos no Brasil. **Travessia: revista do migrante**, ano VII, n. 19, p. 20-22, 1994.

Destruição de sonhos significados nas palavras de Seu Francisco, um migrante nordestino que se desloca para o Rio de Janeiro em 1979, período influenciado pelo modelo dualista, que se propaga a partir do início da década de 70, de que o campo é o atrasado e a cidade é moderna, colhidas durante a entrevista realizada para a presente pesquisa:

“meus sonhos... que eu tinha lá no interior onde morei, era trabalhar na roça >na () (de) ter assim espaço de terrenos assim que ... ter ter essa plantação do que a gente é era:: a a vida da gente era essa e:: ter espaço né? mas não tinha.”

A terra onde se constitui família, onde são ensinados princípios e práticas, forma através dos processos de aculturação uma relação com o indivíduo, um casamento que será compartilhado com toda a sociedade. Em seu espaço territorial e sócio-cultural as igualdades dessa sociedade são aceitas e reproduzidas, enquanto aos diferentes, vindos de outros lugares, resta a discriminação e o isolamento. A identificação do indivíduo com seu espaço é inerente à vida humana (Souza, 2002).

Através das palavras de Seu Francisco, o migrante nordestino entrevistado nesta pesquisa, que se vê obrigado a deixar seu espaço de origem, e de como ele se posiciona na passagem de sua des-territorialização à re-territorialização em outro espaço estranho às suas raízes, podemos avaliar, juntamente com ele, seu sonho por um espaço em sua própria terra de origem, que não pôde se realizar:

“e:: ter espaço né? mas não tinha.”

Na próxima seção, veremos como muitos nordestinos destinam-se ao Rio de Janeiro para assumirem a ocupação de porteiro de prédio.

2.1

Migrantes nordestinos no mercado de trabalho: porteiros (empregados) de edifício no Rio de Janeiro

Vimos, no início deste capítulo, como o processo de migração foi conduzido por ideologias políticas de manipulação. Nesta seção, faço um breve estudo sobre migrantes nordestinos porteiros de prédio no Rio de Janeiro, a partir

das pesquisas do antropólogo Fernando Barbosa (2005). Pretendo, com essa pequena inserção no mercado de trabalho nordestino no Rio de Janeiro, acrescentar à minha pesquisa informações que possibilitem o entendimento da história de vida de Seu Francisco, o entrevistado da minha análise, nordestino que migra para o Rio de Janeiro em 1979, cuja ocupação que desempenha atualmente é a de porteiro de prédio.

Em sua pesquisa sobre a migração nordestina no Rio de Janeiro, Fernando Barbosa (2005) verificou que existem ocupações que estão estreitamente relacionadas com a mão-de-obra de migrantes nordestinos. Isto não implica dizer que estas ocupações têm o migrante nordestino como força de trabalho exclusiva, nem que eles participem unicamente deste mercado de trabalho, mas observou-se que, muitas delas, estão, em sua maioria, representadas pelo nordestino. Estarei tratando nesta seção, especificamente, da absorção de mão-de-obra do trabalhador nordestino como empregado de edifício, ocupação que vem sendo altamente incorporada ao mercado de trabalho em vários bairros do Rio de Janeiro.

Segundo Barbosa (2005: 368), esses trabalhadores migrantes do nordeste chegam ao Rio de Janeiro por um processo de descampesinação e são incorporados ao mercado de trabalho motivados por diferentes interesses, valores e agentes mediadores, tais como as relações de parentesco e amizade, a qualificação profissional e as estratégias de articulação entre trabalho e residência.

Para entender como esses trabalhadores inserem-se na ocupação de empregados de edifício, é importante ressaltar as circunstâncias sociais que desenham esse quadro. Comumente, alguns trabalhadores passam a ter alguma ocupação no mesmo prédio em que estiveram trabalhando durante sua construção ao findar a obra. O conhecimento que eles adquirem na estruturação do prédio, instalação hidráulica e elétrica é um bom motivo para que esses trabalhadores encontrem oportunidade para suprir algumas necessidades econômicas em um espaço social, agora, bem diferente da ocupação anterior. Aqueles que tiveram início no processo da construção do prédio são os responsáveis pela inserção dos outros trabalhadores nessa rede de ocupação.

A rede social é a forma mais utilizada para a inserção no emprego. As relações de família, parentesco e amizade são os maiores responsáveis por essa inserção. Nesse aspecto, o migrante não concebe a migração como o

afrouxamento dos laços sociais e sim como um re-arranjo das relações sócio-culturais.

Barbosa (2005: 369) explica que, geralmente, os migrantes que se encontram estabelecidos são os responsáveis pela integração do recém-chegado ao mercado de trabalho ao qual já estão afiliados. Existe, então, uma articulação em um triângulo de interesses comuns: o indicado, o indicador e o empregador. O migrante estabelecido, que indica o recém-chegado, cumpre com a sua obrigação na rede de parentesco ou amizade e ao mesmo tempo assume o compromisso perante o empregador de socializar o novo empregado na rotina do trabalho. O migrante indicado obriga-se a corresponder às expectativas de um trabalhador dedicado e esforçado, ao mesmo tempo, reforçando a imagem de quem o indicou. O empregador, por sua vez, reforça o seu papel de credor, orientando e mantendo o controle social entre os trabalhadores.

A atividade essencial na ocupação de empregado de edifício é a de porteiro ou zelador, com as tarefas principais de conservação do prédio e a comodidade e segurança dos moradores. Os moradores, por outro lado, são todos considerados patrões, já que o porteiro serve a todos e é assalariado por todos. Associado às suas tarefas diárias, o porteiro precisa ter um bom relacionamento com os moradores e compreender os códigos morais e comportamentais de grupos sociais variados, aos quais ele não pertence.

O trabalhador migrante, pela necessidade econômica circunstancial, acaba por criar habilidades para executar tarefas que normalmente não fazem parte de seu espaço sócio-cultural de origem. No entanto, existe a crença cultural, criada por uma sociedade hierarquizada, que estas ocupações não exigem uma capacitação e habilidades próprias, desqualificando a mão-de-obra do migrante. Acredita-se que apenas as ocupações consideradas superiores culturalmente exigem capacitação e mão-de-obra adequadas, colocando o migrante vindo do nordeste em um lugar desprestigiado profissionalmente.

A motivação primária para a migração é a procura de trabalho, no entanto, a questão da moradia é de igual importância. O migrante que chega no Rio de Janeiro, descapitalizado, encontra no local de trabalho seu lugar para morar, muitas vezes até com sua família. Assim, ele resolve o problema de habitação e de compromissos financeiros que teria se morasse em uma residência particular. O preço que esse trabalhador paga por tudo isso é uma dívida moral que imobiliza o

trabalhador a exigir direitos, melhorias nas condições de trabalho e salários mais dignos.

Para Penna (1998: 94), a impossibilidade de acesso à terra, a pobreza, a falta de recursos econômicos são os geradores da exclusão do nordestino do campo. Esses mesmos fatores atuam como um resgate de aculturação em um processo de inclusão sócio-econômica, que o migrante busca no novo espaço de trabalho como porteiro de edifício.

O migrante nordestino, que se dedica à ocupação de porteiro de edifício, faz de seu trabalho um elemento socialmente significativo na construção de sua identidade. Seu Francisco, um migrante nordestino no Rio de Janeiro, nos ensina, em sua entrevista concedida para a realização deste trabalho, que na busca de realizações de sonhos, mesmo que esses sonhos estejam perdidos no passado, podemos re-significá-los no presente:

- 37 Rosania entendi. o seu vitor e o senhor realizou algum sonho
38 aqui, no rio?
39 Francisco sim eu realizei muito do que eu agradeço muito pelo
40 que... já:: me sinto aqui trabalhando e e aí é uma
41 família enorme que eu tenho aqui no meu trabalho
42 entendeu eu me sinto isso. entendeu? aí é:: não é que
43 teja abandonado a família mas pelos anos que eu
44 conheço aqui é o meu, trabalho enfim as pessoa
45 gostam de mim mesmo eu sendo funcionário e eu...
46 gosto muito daqui sabe... aí é:: não tem nem razão
de::
47 sabe eu me sinto assim que:: to em casa. apesar de já
48 ter a minha casinha que é perto do trabalho, já foi
uma
49 coisa que eu consegui assim pelo:: destino em deus
50 que é muito bom e:: foi quem já (deixando) uma
51 família lá e outra [aqui.]... to satisfeito.

Entrevista 1

Como porteiro do prédio em que trabalha há vinte e oito anos, Seu Francisco construiu uma rede social, sustentada por suas necessidades econômico-sócio-culturais, significada como uma grande família.

O porteiro migrante nordestino no Rio de Janeiro, o *Paraíba*, como é chamado na cidade (Barbosa 2005: 367), que deixa sua terra à procura de

melhores condições de vida, levado pela crença cultural que a cidade moderna é o futuro em detrimento do campo atrasado, faz de sua ocupação uma maneira de ampliar suas relações sociais, como se seu novo e estranho espaço de trabalho fosse a nova família que precisa fazer parte de seu mundo sócio-cultural.

Passo, no capítulo 3, à fundamentação teórica adotada nesta pesquisa.